



Trabalhadoras do Cinema Brasileiro: mulheres muito além da direção

Brazilian Cinema Workers: women far beyond directing

TEDESCO, Marina Cavalcanti (Org.). *Trabalhadoras do Cinema Brasileiro:
mulheres muito além da direção*

Priscila Ferreira Gomes¹

O livro “Trabalhadoras do Cinema Brasileiro: mulheres muito além da direção” com organização de Marina Cavalcanti Tedesco consiste em uma coletânea de textos sobre as diversas funções desempenhadas por mulheres dentro do cinema nacional.

De acordo com Karla Holanda no prefácio da obra:

(...) as mulheres são impermeáveis a genialidade – basta pensar nos gênios da história para perceber a ausência delas. [...] Se uns se tornam grandes é à custa do silenciamento de muitas – isso diz respeito tanto ao gênero quanto aos cargos exercidos dentro do cinema: enquanto a direção costuma ser destacada, pouco se sabe sobre as demais funções, ainda menos quando são mulheres a desempenhar essas atividades.

De início, a autora articula, sob o ponto de vista histórico, o desenvolvimento dos estudos de gênero e de mulheres. Destacando,

1. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Multimeios da Unicamp com o projeto *O protagonismo feminino no filme Carlota Joaquina de Carla Camurati*. E-mail: pittygms@hotmail.com. <https://orcid.org/0000-0001-9116-6185>.

nas pesquisas do Cinema e do Audiovisual com recorte feminista, os livros *Feminino e Plural: Mulheres no Cinema Brasileiro* (HOLANDA e TEDESCO, 2017) e *Mulheres atrás das câmeras: as cineastas brasileiras de 1930 a 2018* (LUSVARGHI e SILVA, 2019). Que assim como o seu livro, fazem a organização de um material que busca contribuir para o fortalecimento da luta para demarcar o espaço feminino num ambiente ainda frequentemente hostil e dominado por homens brancos. Lançando luz às cineastas, às experiências das mulheres presentes no roteiro, na direção de arte, no som, direção de fotografia, montagem, trilha sonora, nas discussões de gênero e política, na educação, nos festivais, exibição e na pesquisa dos estudos de mulheres no campo do cinema do audiovisual do Brasil. O objetivo comum é que se possa diminuir as trajetórias obscurecidas, até aqui quase completamente apagadas na historiografia do cinema brasileiro.

Após sua explanação inicial, Tedesco apresenta o texto de Edileuza Penha de Souza e Ceiza Ferreira, que se debruçam sobre o trabalho de Adélia Sampaio e Cleissa Martins dando destaque a trajetória de duas mulheres negras roteiristas. As autoras discorrem sobre o colonialismo e o lugar de marginalização e invisibilidade em que as letras negras foram colocadas, evidenciam a importância da oralidade que transmite as tradições e saberes, para possibilitar uma maior compreensão do percurso dessas duas mulheres negras, que tem o roteiro como a possibilidade de materialização dos desejos e fantasias, promovendo a construção de subjetividades negras e fazendo do audiovisual um espaço político e de resistência.

O segundo capítulo dá destaque às mulheres na direção de arte, debate feito por India Mara Martins e Tainá Xavier, que de início já salienta que essa é a função, dentre as chamadas equipes técnicas, que mais tem presença de mulheres no cinema brasileiro. No entanto até 1970 a direção de arte não era parte dos créditos do cinema nacional. Através da pesquisa de Paula Alves elas observam que o aumento na presença de mulheres nessa função, ocorre entre 1991 e 1995, onde se inicia o cinema de Retomada. No entanto, elas indicam que, mesmo esse sendo um período de mais produções de longa-metragem, há uma queda na participação de mulheres na direção de arte. E assim observam, refletem e questionam sobre a visibilidade dessas mulheres.

O capítulo seguinte, dedicado ao som, traz um texto das artistas, pesquisadoras, professoras, Tide Borges e Marina Mapuranga de Miranda Ferreira, que atentam para a ausência de mulheres do som do audiovisual brasileiro. Elas apresentam uma fundamentação teórica e abordam o contexto delas como mulheres trabalhadoras do som no audiovisual. Ressaltam:

Nossos questionamentos surgiram a partir da nossa participação na Rede Sonora – músicas e feminismos, onde passamos a ter contato com discussões que se localizam na convergência entre os campos da música, dos estudos do som e das epistemologias feministas.

No quarto capítulo, Marina Cavalcante Tedesco, organizadora desse livro, apresenta seu texto *20 anos de Tônica dominante: reflexões diversas a partir de uma fotografia histórica*, que faz um diálogo entre o primeiro longa metragem da diretora Lina Chamie nos anos 2000, e o pioneirismo, desigualdade de gênero e interseccionalidade das mulheres na direção fotográfica. O destaque ao longa se dá pelo fato dele ter sido “o primeiro longa-metragem de ficção nacional a ser inteiramente fotografado por uma mulher que

chegou às salas de cinema”. E por Tedesco acreditar que é fundamental que as opressões e as ausências no cinema brasileiro sejam debatidas.

Elianne Ivo Barroso e Natalia Teles Fróes são mais duas mulheres que escrevem para engrossar o caldo dessa luta do mapeamento de mulheres que desenvolvem trabalhos, desde sempre, invisibilizados na história do cinema brasileiro. Focadas nas montadoras entre 1900-1980, elas trazem dados que retratam quando as mulheres começam a ser citadas nas produções realizadas no Brasil. Uma pesquisa detalhada, dividida em datas, nomes, pioneirismos. Deixando a proposta de possíveis desdobramentos, com intuito de poder futuramente compreender e identificar um estilo, “*uma assinatura na edição das imagens e sons*” dessas montadoras brasileiras.

O sexto capítulo, *Nas trilhas das mulheres: compositoras e cinema no Brasil*, texto de Suzana Reck Miranda e Debora Regina Taño faz um mergulho profundo nas produções musicais das mulheres do país. Compila o percurso das mulheres no estudo da música, na composição erudita e popular, que apontam para os caminhos das mulheres na trilha sonora do audiovisual até os dias de hoje. Passando pelo colonialismo, os hábitos da Corte Portuguesa, as mulheres da alta classe, primeiras pianistas e cantoras líricas de destaque, até primeiras compositoras, citando grandes nomes como Chiquinha Gonzaga, Luiza Leonardo, Ernestina Índia do Brasil, entre outras, para ilustrar um cenário histórico de desigualdade desde o contexto da composição da música erudita brasileira à composição de trilhas pro cinema nacional. Dando destaque ao trabalho das trilheiras, discutindo o quanto ainda necessita ser feito para abrir caminhos dessas mulheres, e para a visibilidade basilar às suas criações.

A relação entre a pauta de gênero e políticas públicas aparecem no próximo capítulo, onde Lia Bahia expõe o atravessamento da temática de gênero nas agendas governamentais. Em sequência Ana Paula Nunes, Eliany Salvaterra e Fernanda Mathieu fazem um paralelo da união da educação com o cinema, partindo de suas jornadas pessoais, homenageando mulheres importantes que estão presentes na luta C&E -Cinema e Educação.

Os dois penúltimos capítulos se referem aos Festivais de cinema no Brasil, abordado por Tetê Matos, que expõe a importância dos festivais de cinema de mulheres, das discussões sobre representações e representatividade no audiovisual. A exibição cinematográfica, por Cíntia Langie e Livia Cabrera, pensando desde os espaços como redes sociais até o ambiente acadêmico, como trazer luz à escritas que desconstruam o imaginário coletivo imposto pela sociedade patriarcal que coloca as mulheres numa posição subalterna.

E por fim, no entanto, não menos importante, *Cinema para ler: pesquisadoras na Cinemateca do Museu Guido Viaro (1976-1980)*, por Ana Claudia Camila Veiga de França e Ronaldo de Oliveira Corrêa, aduzindo uma pesquisa que norteia a necessidade urgente de uma atenção para os acervos fílmicos do Brasil. Com ressalvas importantes e lépidos questionamentos: “*Fazer pesquisa de cinema não seria também um modo de fazer cinema?*”.

A leitura de *Trabalhadoras do cinema brasileiro: mulheres muito além da direção*, é estimulante, pois, além de ser uma coletânea de textos de muitas escritoras, o livro dialoga com outras obras, como os livros já citados e os exemplares *Miradas: Gênero, Cultura e*

Mídia (2014) organizado por Linda Rubim, e *Nova História do Cinema Brasileiro* (2018) de Fernão Pessoa Ramos e Sheila Schvarzman. A obra nos revela todo tempo, com completa clareza, o constrangimento de pesquisar a historiografia do cinema brasileiro e encontrar, em todos os âmbitos, o ocultamento e o anonimato a que as mulheres são desigualmente submetidas. Assim, o livro se propõe a destacar a trajetória de mulheres que marcaram e marcam a história, atrás das câmeras, além da direção, do cinema nacional.

Referências

HOLLANDA, Heloísa Buarque de, Karla Holanda e Marina Cavalcanti Tedesco (orgs.); **Feminino e Plural**: Mulheres no Cinema Brasileiro, Campinas: Papyrus, 2017.

LUSVARGHI, Luiza; SILVA, Camila Vieira da. **Mulheres atrás das câmeras**. As cineastas brasileiras de 1930 a 2018. São Paulo: Estação Liberdade, 2019.

RAMOS, Fernão Pessoa; SCHVARZMAN, Sheila. **Nova História do Cinema Brasileiro**, volume 1. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018.

RUBIM, Linda. **Miradas**: gênero, cultura e mídia. Salvador: EDUFBA, 2014.